

2

A infância

2.1

(a pré-história de Pedro Ícaro)

Há quem diga que ele sempre existiu. Metade em seus pais,
um quarto em seus avós, e assim por de antes, desde o início dos tempos.

Gestação: sem nome, dormindo no leito escuro, já escuta,
pela pele, as palavras deste mundo.

A primeira audição: “É menino!”. Mas ele entendeu meio assim: “É, menino...”.

O inominado. Saiu do hospital ainda sem nome.

A cartinha da maternidade dizia: “para o ‘psiu!’, com amor”.

Enfim, o nome: Pedro! Pedro Ícaro de Magalhães, ou só Pedro Ícaro. Pronto!

Pedro Ícaro nasceu com vontade de escrever, antes mesmo de ler ou de falar.

Pedro Ícaro tinha uma babá chamada Lulu.

Na ausência das palavras, Pedro Ícaro ia escrevendo com o mundo. Os detalhes vermelhos do papel de parede, a pequena lâmpada acesa na tomada durante a noite, afastando o breu. As cores e texturas dos brinquedos, seu corpo e o seu amigo imaginário, *Gernijônsom* — que morava dentro dele.

Parla! E um dia, com os pais viajando, em frente à TV,

Pedro Ícaro levanta e, solene, diz suas primeiras palavras.

Ao telefone, eles perguntam: “Falou o quê? Falou papai, falou mamãe?”.

Lulu tenta explicar: “Não, falou Popeye, falou He-man...”.

Pedro Ícaro inventava palavras. *Gernijônsom*, *sussusípi*, *góli góli*, *mâni mâni*.

Um dia lhe foi ensinado o outro nome das coisas, mas ele não gostou

Pedro Ícaro era um menino experimental.

Depois, veio o melhor da infância: quando liam em voz alta para Pedro Ícaro. A coleção de livros, a profusão de figuras, as palavras fáceis. Já é amanhã.

Pedro Ícaro tinha uma família pequena. Mas desejava muitos irmãos. Sempre sonhou em ter uma família grande, com tios e primos em abundância. Talvez, por isso, Pedro Ícaro quisesse tanto escrever: para aumentar a sua família.

Pedro Ícaro tinha belas repetições para batizar seus passarinhos: Sol-Sol, Água-Água, Nuvem-Nuvem. Um dia, Lulu foi limpar a gaiola e o Nuvem-Nuvem fugiu.

Pedro Ícaro sofria de um impossível inevitável.

2.2

Os intercessores de Pedro Ícaro **Intercessor: Gilles Deleuze**

Pedro Ícaro busca um movimento que se defina sem um ponto de partida, sem um ponto de alavanca. Sem origem e sem chegada. Seu impulso é achar uma brecha na sequência do movimento. Não acredita em um ponto de partida, mas na inserção em uma órbita, em uma onda pré-existente. Chegar junto, ao invés de ser a origem de um esforço.

É nesse sentido que surgem os seus intercessores, essas vozes que se unem à dele, essas falas que se misturam, juntam, citam, parodiam e copiam. Seu próprio gesto de compor a escrita afina-se com o ritmo dos textos que lê para apropriar-se de fragmentos escolhidos e propagar seus ecos. Ele elege os interlocutores com quem deseja se amalgamar. A criação são os intercessores. Sem eles, não há obra. Como o filósofo busca o poeta, escolhemos quem nos suplementa. E esse “alguém” pode ser uma pessoa, um animal, uma planta ou até mesmo uma coisa. Fictícios ou reais, animados ou inanimados, é preciso fabricar seus próprios intercessores. E uma série. Se não formamos uma série, mesmo que imaginária, estamos perdidos. Pedro Ícaro precisa de seus intercessores para se exprimir, e

eles jamais o fariam sem ele: sempre se trabalha em conjunto, mesmo quando isso não se vê.

Fabricam-se intercessores dentro de uma comunidade. Uma vez fabricados, é através deles que se torna possível dizer o que temos a dizer. Se falasse sozinho, mesmo inventando ficções, Pedro Ícaro construiria um discurso pré-estabelecido, intelectual, um discurso similar ao do senhor, do colonizador. Para se fugir dessa armadilha, é preciso pegar alguém que esteja fabulando, em flagrante delito de fabular. Então se forma, a dois ou em vários, um discurso de minoria. Só assim é possível captar o movimento de constituição de um povo, de um ser, de um autor. Pedro Ícaro não pré-existe.

Nas ciências, é evidente a ideia de que a verdade não é algo anterior, a ser descoberto, mas que deve ser criada em cada domínio. Não há verdade que não falseie ideias preestabelecidas. Dizer que “a verdade é uma criação” implica que a sua produção passa por operações que consistem em trabalhar uma matéria, uma série de falsificações num sentido literal. Essas potências do falso é que vão produzir o verdadeiro.

Barthes, Schlegel, Benjamin, Bandeira, Foucault, Eneida, Ítalo, Agamben: são alguns dos intercessores cujas vozes se mesclam nesse texto, usados como convém, copiados, recortados, parafraseados. O trabalho de Pedro Ícaro com Deleuze aqui é um exemplo: cada um é o falsário do outro, são intercessores um do outro. O próprio Pedro Ícaro, constituído escritor nestas páginas e nome identificador de um estilo de escrita, não se teria criado sem a gama de intercessores que elegeu e que faz ressoar.

2.3

O nome “Pedro Ícaro” já parece de uma invenção absoluta

*Um oxímoro
Mistura de duas mitologias
É pedra e ar, estanque decolagem
É cristão e pagão, peso e leveza
Uma clara contradição*

No entanto, nada há nele de inventado. E ele não é apenas um. Basta entrar nas redes sociais e encontraremos dezenas de pessoas que possuem esse pequeno poema de duas palavras como nome próprio. Então, há de se esperar alguma

afirmação do tipo “Ah, mas o nosso Pedro Ícaro é único!”, o que justificaria a sua escolha como personagem principal desta dissertação. Mas, não, nem isso. O “nosso Pedro Ícaro” é como os outros, comum. É justamente isso que o torna especial. (Um indivíduo tem o gene de toda a comunidade.)

2.4

Abertura de um dos livros de Pedro Ícaro:

Pedro Ícaro (Rio de Janeiro, 10 de noviembre de 1985 - ¿¿¿¿??), escritor brasileiro. Desconocido por varios motivos. Profesión: Vida. Realizaciones: Obras. He dejado este libro de regalo a todos los que conocí y para todos los sitios dónde me quede, em dias de inspiración y gloria personal, a continuación de mis senderos...

A primeira pessoa que Pedro Ícaro conheceu foi a primeira pessoa. “Eu”. Desde então, já se desentenderam algumas vezes. (Não se sabe o porquê da abertura estar em espanhol...)

2.5

A matemática de Pedro Ícaro:

Adição
Subtração
Multiplificação
Divisão
Traição

Pedro Ícaro não gostava dos números. Tirava boas notas em matemática, mas preferia as letras. (Mesmo sendo tudo linguagem, as letras ganham os números de 26 a 10.)

2.6

A primeira escrita

*Não tenho o hábito de contar o que acontece comigo.
Deve ser por orgulho e também por causa da minha falta de jeito.
Não quero segredos nem estados de espírito:
não sou uma virgem para brincar de ter vida interior.*

— Ricardo Piglia

Logo assim que foi alfabetizado, o jovem Pedro Ícaro introduziu-se de vez no mundo dos adultos e passou a compartilhar milhares de informações com os demais usuários da língua. Agora, detentor de um novo poder, não precisava mais andar de mãos dadas e podia saber mais do que os pais decidiam lhe contar. Foi também a hora de experimentar a escrita. Para isso, nada melhor do que o exercício cotidiano de manter um diário. Porém, mesmo a inocência infantil parece pequena frente à inocência de quem escreve um diário como se fosse um íntimo reflexo da própria vida. Quem mantém um diário desde sempre sabe muito bem que coisas importantes não estão lá, enquanto outras de que nem nos lembramos lá estão com enorme destaque e importância. Há sempre um descompasso entre o diário e a memória — como se fossem criadas duas vidas distintas. Isso porque, no fundo, quem escreve sempre escreve para o outro, por mais pessoal e secreto que seja o seu relato. Um escritor, mesmo em seu diário, é sempre um “ele”.

E é isso que se poderá ver nas seguintes páginas, ao desvendarmos o breve *Diário de Pedro Ícaro*, ou *O Primeiro Diário*, como é também conhecido. Algum fetiche pelas notas manuscritas? Favor não confundir o que está escrito a seguir com o que os biógrafos realmente já descobriram de sua vida — as diferenças provaram-se gritantes! No entanto, será uma oportunidade de compartilhar detalhes de um mês na vida deste jovem de sete anos. Um mês de férias. Um período fora do tempo. Que se inicia com um eclipse, que passará como relance em seu cotidiano de passeios e viagens e culminará com a chegada derradeira de um outro.

Qual a diferença entre o diário e a agenda, entre a literatura e um apanhado de anotações? O diário de Pedro Ícaro é uma agenda romanceada, onde a subjetividade se esconde (ou se revela?) nos fatos práticos do dia a dia: acordar,

comer, escovar os dentes, brincar, dormir. Mais do que contadas, essas tarefas são contabilizadas! Afinal, em um diário conta-se o que se faz durante o dia, não é mesmo? O diário aparece como um inventário. Seu “caderno de capa preta” abre uma possibilidade para o personagem principal falar por si, por isso decidiu-se manter a grafia tal como nos originais. A ficção autobiográfica: não há como falar de si (impossível), não há como não falar de si (inevitável).

2.7

O primeiro diário

11 de julho

Oi amigos hoje acordei fui para
O colegio teve um piquenique
Otimo so que fiquei muito chateado
Por que não deu para ver o equilipse
Do sol bem mas decha pra lá cheguei
En casa fui direto para casa da minha tia
Brinquei un poco veio minha mãe
(Descupe mas esquesir de deser que
Era o meu utimo dia de aula)
Me buscar fomos ao mecl donalde vin para casa
Ganhei um presente que era este diário
Mas o meu coelinho billy morreu hoje a tarde
Si enportão se não excovei os dentes?

13 de julho

Hoje acordei tomei cafe da manha vi TV escovei os dentes
Meu pai veio me boscar fui para casa da minha avó
Almocei tomei banho botei meu pijama
Á o meu tio esta viajado ele vai traser uma
Raquete pro meu tenes as 4ª feiras meus dia de aula
Minha mãe e meu pai sairão para gantar

Procurei o Waley escovei os dentes e dormi boa noite.

14 de julho

Bondia acordei escrevi na mezinha do meu pai fiz meu
Diário almosei visitei o caniu voutei brincei gantei
Jogli bingo voutei pra casa con febre tomei
Remedio dormi no carro acordei chegei en casa
Dormi no carrto da minha mãe.

16 de julho

Ar que tose hoje acordei no quarto da minha
Mãe tomei cafe da manhã troquei de ropa hoje a Lulu
Chegou ela é tão legau ela chegou
Con a Solange aruma a casa ajudei vi TV
Almocei ajudei a Lulu a bota a ropana maquina de lava
Joguei nintendo gantei li um livro escovei os dentes e dormi.

19 de julho

Diário acordei quando já era hora
De voltar do colegio brinquei
Almocei cortei o cabelo fiquei bonito
Fis um cartão para a minha querida
Mãe minha mãe chegou do trabalhio tarde
Já estava gantando brinquei escovei os dentes e dormi.

21 de julho

Oi bon dia acordei pedi para minha mãe
Para ir no trabalho dela ela foi no cabelelero
Fiquei na casa do meu tio ganhei presente

Minha mãe chegou fui no trabalho dela
Voutei fui no meu 2º dia de tenes
Voutei para casa gantei brinquei
Excovei os dentes minha mãe chegou
Do trabalho e dormi.

23 de julho

Qui pesadelo acordei
Fui ao super merquado
Sai de carrinho cheio
Chegei em casa minha prima tinha me ligado
Para me chamar para almosar lá
Fui e brinquei almorei
Vim para casa ver meu pai
Por que era aniversario dele
Dormi mas iscesi di diser que
Meu pai estava doente.

25 de julho

Con alegria totau fui para cama dos meus pais
Vi TV fui para o parque
Brinquei almocei brinquei
Gantei soutei um pun que
Quase matou meu pai e dormi.

28 de julho

Zzzzzzzzz

Acordei na hora do cafe da manha
Mais não comi cafe da manha
Bem isto não importa

Brincei estou resfriado não
Poso cai na piscina almosei
Brinquei andei de charete
Fiz uma corrida de barco que
Foi um barato brincei vi TV
Gantei escrevi meu diário brincei e dormi.

29 de julho

Para ai era só o meu sonho
Ben acordei vi TV o meu pai foi
Boiscar meus primos para a gente ir para Serra
A minha mãe não veio esa veis
Ben agente foi para Serra brinquei
Chego a mobilete brinquei jantei brinquei dormi.

31 de julho

Acordei fui no moseu mas estava
Fechado então fomos andar
De kart voutei para casa colori o livro
Ajudei a Lulu a fase outro bolo de
Chocolate bringuei dormi.

2 de agosto

Acordei muito cedo para ir para
O colegio fui no colegio
Mais não poso contar quando
Estava no colegio se não
Vo gasta a folha entera
Chegei do colegio fui no
Tenes brinquei voutei escrevi
Gantei e dormi.

4 de agosto

Fui a aula e a professora não foi
O Marcelo vouto comigo no onibos minha mãe
Estava-me esperando quando chegei do colégio
Meu pai veio me boscar de carro
Fui dormir na casa da dinda
Minha mãe mi ligou.

5 de agosto

Acordei abri os olhos fui comer suckrilios
Lulu leu historia pra mim e fui para escola
Chegei na escola fis o que faso na escola
Chegei da escola fui au chopping
Comprar presente para o meu pai
Voutei pra casa e o meu pai e a minha mãe
Foram para uma buate
Esperei eles mas depois dormi.

8 de agosto

Acordei fui ao moseu estava fechado
Então fui au zoo depois voutei pra casa
Não almosei fui na casa da minha avó
Escrevi e dormi tarde.

10 de agosto

Hoje e dia dos pais dei meu presente pro meu pai
Fomos almosar fora comer piza e sobe que
MINHA MÃE VAI TER UM BEBE!!!!
Vou ter um irmão chegei em casa e dormi
(feliz dia dos pais).

2.8

A crítica biográfica de Pedro Ícaro **Intercessor: Eneida Maria de Souza**

Ao adotar a crítica biográfica para analisar a produção ficcional e documental de Pedro Ícaro, pretende-se considerar não só a sua produção literária, mas também expandir a leitura para suas relações culturais. Procura-se criar novas perspectivas com o exercício de ficcionalização da crítica, no qual o próprio Pedro Ícaro se inscreve como ator no discurso e personagem de uma narrativa em construção. O saber narrativo virá para retirar do discurso crítico o invólucro da ciência e abrir outras possibilidades. Para isso, é preciso concentrar-se na permanente construção do objeto em análise e nos pequenos relatos que compõem a narrativa literária e cultural. Esse estilo de crítica apropria-se da forma ensaística, sob o signo do precário e do inacabado, para realizar a desmistificação das narrativas legitimadoras da ciência e desmontar a integridade (ilusória) do sujeito. A literatura aparece aqui atuando nos meandros do discurso da ciência para promover a encenação de múltiplas subjetividades.

Assim, Pedro Ícaro não estaria nem presente e nem ausente em seu próprio texto. Sua essência não está sendo transposta para o papel, ainda assim preserva-se o conceito do autor como um ator no cenário discursivo, considerando-se o seu papel como aquele que ultrapassa os limites do texto e alcança a vida: o território biográfico, histórico e cultural. Desse modo, a figura do autor desempenha vários papéis de acordo com as imagens, as poses e as apresentações coletivas que cada época propõe. Portanto, cada escritor constrói sua biografia com base na rede imaginária tecida em favor de um lugar a ser ocupado na sociedade e na posteridade. Funda-se o estatuto fantasmático do autor como um ser misterioso e inalcançável. Neste trabalho invadiremos a região de sombra que se instala nos intervalos e interstícios da vida e da obra do escritor.

Recuperar a ideia da biografia de modo diferente, não realista, é também uma resposta aos procedimentos analíticos anteriormente pautados pela objetividade e pelo distanciamento excessivo do sujeito da enunciação. Entende-se, assim, o papel contraditório de Pedro Ícaro, ao reconhecer tanto a construção precária de si como sujeito quanto a necessidade de se assumir como cidadão, considerando que é preciso se posicionar tanto como indivíduo quanto como

representante de determinado grupo. Diante dessa demanda de ordem cultural e política, o texto teórico e reflexivo se mantém no limite entre a confissão naturalizada da experiência do autor e a sua reelaboração imaginária — polos que se associam e se chocam no ato da escrita. A estreita relação entre vida e obra, entre teoria e ficção, pode ser captada também pelo prisma do humor.

O destino literário de Pedro Ícaro é marcado por injunções biográficas, pela escolha de precursores que garantem sua entrada no cânone, na comunidade literária da qual faz parte. Entende-se, portanto, a concepção de biografia intelectual como resultado de experiências do escritor não só no âmbito familiar e pessoal, mas na condensação entre o privado e o público. As datas recebem tratamento alegórico e a história pessoal se converte em ficção, pela intromissão do outro na narrativa. Não se deve argumentar que a vida esteja refletida na obra de maneira direta ou imediata ou que a arte imite a vida.

Pretende-se preservar a liberdade poética da obra na reconstrução do perfil do escritor com um procedimento de mão dupla em que é reunido o material poético ao biográfico, transformando a linguagem do cotidiano em ato literário. O nome de um personagem, por exemplo, mesmo que faça referência a pessoas conhecidas do escritor, não impede que sua encenação embaralhe os dados e coloque a verdade biográfica em suspenso. Este procedimento é dotado de liberdade criativa e concede ao crítico certa flexibilidade ficcional sobre o objeto em análise. Vai além das palavras do autor. Por essa razão, o elemento factual da vida/obra do escritor adquire sentido quando é transformado e filtrado pelo olhar do crítico, passando por um processo de desrealização e dessubjetivação. A construção de perfis biográficos se faz independente do gênero, seja romanesco, lírico ou memorialístico. A inclusão dos intercessores na construção crítica desencadeia a contaminação entre documentos e registros ficcionais, mostrando que é oblíqua a relação da arte com a vida. Nas entrelinhas dos textos consegue-se encontrar indícios biográficos que independem da vontade ou do propósito de Pedro Ícaro. Reunir teoria e ficção, considerando os laços biográficos a partir da relação metafórica entre obra e vida. E isso não significa reduzir a obra à experiência do autor, nem demonstrar ser a ficção produto de sua vivência pessoal e intransferível, mas, sim, expandir o nível de leitura do crítico, ao ampliar o polo literário para o biográfico e daí para o alegórico.

A autoficção revê a relação complexa entre ficção e realidade, reforçando a incapacidade do sujeito de se manter íntegro e onipotente. Considerada pela crítica como “aventura teórica”, a autoficção guarda o estatuto da ficcionalização de si e da encenação de subjetividades no ato da escrita e do discurso. Como disse Roland Barthes: com as coisas intelectuais, fazemos ao mesmo tempo teoria, combate crítico e prazer. Tudo que é bom é brincadeira. Mesmo que todos os detalhes sejam exatos, o relato é sempre reinvenção do vivido. Não se lê uma vida, mas sim um texto, onde o referencial se desestabiliza e se desloca. Essa estratégia referencial às avessas recria na atualidade a antiga poética narrativa, marcada pelo gesto habilidoso de “mentir verdadeiramente” que torna possível levar até as últimas consequências a verdade do discurso híbrido.

2.9

O jornal caseiro do jovem Pedro Ícaro

I think it will be fun to run a newspaper.

— Charles Foster Kane

Aos nove anos, Pedro Ícaro decidiu produzir um jornal independente. O nome da publicação era “Planeta Diário”. Ele andava lendo as revistas do Super-Homem, que lhe serviram de inspiração. “Se o nome é bom, copie”, pensou. Apesar de ter “planeta” no nome, o jornal deveria cobrir um espaço bem menor: apenas a sua casa.

Aquela passou a ser uma das poucas residências com seu próprio centro de mídia. Se o pai e a mãe viajavam, o Planeta Diário descobria os presentes que seriam trazidos e furava a surpresa já na manhã da volta. Quando o irmão começou a balbuciar seus primeiros sons, foi hora de uma entrevista exclusiva, onde cada grunhido da criança foi transcrito com exatidão. A chegada do novo cão, Tãn-tãn, mereceu uma matéria especial, e quando a tampa de vidro do fogão estourou, espalhando vidro por toda a cozinha, Pedro Ícaro passou horas tentando averiguar as causas do acidente e conferindo se ninguém realmente havia se ferido. No dia seguinte, seu jornal estampava em letras garrafais: “Explosão e

vidro: saiba tudo sobre a quebra da tampa do fogão — moradores são aconselhados a usar sandálias ao andar no local”.

A distribuição era feita porta a porta. O preço da assinatura era irrisório, mas, ajudava Pedro Ícaro a manter aquela máquina toda funcionando. Sim, havia uma estrutura por trás do empreendimento. Isso porque, logo na produção do primeiro número, ele decidiu que toda a produção deveria estar totalmente sob seu controle. Se ele não podia fazer aquilo no computador, tentaria uma máquina de xerox. Mas, não gostando do resultado final, decidiu que o jornal deveria ser feito à mão, exemplar por exemplar, com caneta Bic, único. Cooptou Zezé, a nova empregada, para um segundo emprego. Ao final do expediente, ela sentava-se à mesa com Pedro Ícaro e começava a transcrever os exemplares que deveriam estar na porta dos quartos na manhã seguinte.

Com o tempo, Pedro Ícaro foi tomando consciência da importância estratégica de sua função de único controlador da mídia local. Ou bem ele apontava os problemas da situação atual ou a comunidade familiar inteira sofreria com os desmandos domésticos de um pai e uma mãe que já pareciam bastante ocupados com seus empregos. Assim, foi o Planeta Diário que denunciou todos os problemas domésticos, como a fechadura quebrada da porta dos fundos, o aquecedor que volta e meia obrigava os moradores a tomar um banho de água fria e a necessidade imediata de uma reforma na área de serviço.

Em uma edição especial, os moradores eram entrevistados sobre o que pensavam acerca de seus próprios quartos. Ao final, Zezé também falou sobre o quarto de empregada, aproveitando para fazer duras críticas quanto ao tamanho e a situação da pouca mobília que ali cabia. O Planeta Diário era a voz das crianças e trabalhadoras domésticas fazendo-se ouvir por todo pai, mãe e patrão da casa.

O importante é que aquela era uma experiência de escrever com alguém, sobre alguém, para alguém. Com a volta às aulas, Pedro Ícaro ficou com pouco tempo para cobrar a assinatura e correr atrás dos patrocinadores. Aos poucos, seu pequeno império de comunicação ruiu e o nosso jovem foi obrigado a fechar as portas. Zezé foi dispensada e, alguns anos depois, demitida de sua casa por insurgência. Era o fim do Planeta Diário. A casa perdia o seu jornal. Pedro Ícaro distraiu-se com outros projetos. E assim seria até quando, anos depois, ele decidisse novamente brincar de fazer um jornal.

2.10

A segunda pessoa

There's someone in my head but it's not me.

— *Pink Floyd*

Após o nascimento de seu irmão, Pedro Ícaro achou que a sua busca por um “outro” havia cessado. Porém, logo percebeu que essa procura continuaria por mais um tempo, pois o recém-chegado mal sabia falar. Pedro Ícaro sentia-se sempre sozinho. Foi então que decidiu escrever uma história cujo personagem principal era “você”. Nessa época, ele vinha lendo uma série de livros-jogos para crianças em que o leitor era o protagonista e tomava decisões que afetavam o desenrolar da história. Ele podia, em determinados momentos, escolher o rumo da narrativa, decidir caminhos, mudar o final. O novo escrito de Pedro Ícaro era baseado nesses romances participativos. Deles, aproveitou a ideia do personagem principal, que seria em segunda pessoa, para que o leitor pudesse se sentir em seu lugar; contudo, em nenhum momento abriu qualquer proposta de escolha, como nos livros em que se inspirou. Assim, com o desenrolar da trama, acabou que “Você” podia ser entendido, também, como o nome próprio do personagem principal.

“Você em O Caso das Joias Roubadas” era o título da história que começava assim: “Ei, você. É, você mesmo! Está me ouvindo? Me lendo, seja lá o que for...” Então ele complementava: “Você é um detetive e trabalha em um escritório particular no centro da cidade. De repente, o seu telefone toca e é a Madame Mimi, milionária da cidade que deseja contratar você para que investigue o sumiço das suas joias.” E seguiam-se trechos insólitos como: “O que você não poderia imaginar é que ela havia combinado tudo com ele antes da sua chegada” ou “Enquanto isso, do outro lado da cidade, sem que você ficasse sabendo, os policiais vinham ajudá-lo”. No final, você já sabia de tudo desde o início, mas havia decidido não contar para não estragar o suspense.

O escritor argentino Jorge Luis Borges diz, no poema “Tu”, que um só homem nasceu e um só homem morreu na Terra. Afirmar o contrário seria mera estatística, uma adição impossível. Este homem é Ulisses, Abel, Caim, o primeiro

homem que ordenou as constelações, que construiu a primeira pirâmide, que entrou no primeiro navio. Um só homem morreu em Ílion, nas Cruzadas, em Auschwitz-Birkenau. Borges fala do único, daquele que está sempre sozinho. Ironicamente, o autor não nomeia este homem, ou este poema, como “Eu”, mas sim como “Tu”. Estará assim apontando para o fato de que o “eu” só se encontra no outro? Isso não se sabe. Diga você, leitor.

2.11

As aulas de inglês de Pedro Ícaro

10 anos, Pedro Ícaro e um boletim com uma nota baixa em inglês 6,0

A mãe A obrigação de fazer aulas particulares

Duas vezes por semana: adeus tardes livres! Mais e mais dever...

Sabia inglês, só não gostava da aula de inglês da escola

A ironia: aquilo se pagar com aulas extras O menino inconformado

I

O nome da professora era Maureen. You Começaram pelo “verb

As aulas às terças e quintas He/She/It to be”

Na hora do seu desenho preferido Wencrível Hulk

Folheando o dicionário um dia Pedro Ícaro perguntou:

Maureen chegava em um carro roxo They “Por que o seu carro é roxo?”

O carro de Maureen não era daquela cor por sua escolha:

fora ganho assim na raspadinha

Em pouco tempo, Write, wrote, written

já estavam decorando a terceira coluna: Fly, flew, flown

o passado particípio dos verbos irregulares Tear, tore, torn

Aquilo tudo o desviava de seus afazeres imaginativos... Cut, cut, cut!

Tentou reverter a situação com sua mãe: mas não teve jeito

Aulas mantidas Os dias se sucedendo

O fim das suas aulas de inglês poderia vir de forma simples

Certa vez, decidiu abrir o jogo e perguntou em alto e bom tom:

Ela ria: “Por que você não bate de carro vindo para cá?”

Hahaha

Pedro Ícaro ganhou um aquário (era bom estar junto à água)

de aniversário Na hora de limpá-lo, acabou deixando a tampa quebrar
 Os peixes acabavam pulando para fora do aquário indo parar no chão
 Maureen desviando dos cadáveres Quando cansou do aquário
 para poder dar sua aula E deu-o para Maureen
 As naquela tarde
 Musas Pedro Ícaro simplesmente
 se recusou a começar a aula e explicou o porquê no
 No dia anterior havia começado a compor uma história
 Estava no auge de um processo criativo que não se poderia parar
 Uma dupla de detetives Paul e Jane Chamados pela família Fitzpatrick
 Solucionar o mistério do desaparecimento
 (Sequestro?) da pequena Luisa

Aquilo tudo gerou uma aula bastante diferente:
 ao invés de gramática, narrativa
 Pedro Ícaro contou todas as intrigas por trás do clã dos Fitzpatrick;
 da luta por poder na FitzCorp, a firma de importação/exportação da família;
 de como a tia da Luisa, Carmen, ligou dizendo ter uma informação importante
 e, depois, sofreu um misterioso acidente de carro;
 de como o salão de beleza da madrastra da menina
 era um ótimo local para obter informações;
 de como o delegado Dan, amigo antigo de Jane, poderia ajudar a dupla;
 isso sem falar que todos, absolutamente todos,
 Ela eram suspeitos!
 escutava atenta E depois dele contar tudo,

Maureen perguntou:

Legal, mas você não quer me contar tudo em inglês?

A partir de então, as aulas de inglês tornaram-se

aulas de preparação do romance (só que em inglês)
 O vocabulário estendeu-se muitíssimo:
 Es- “Witness” “Murder” “Accessory”
 crê- Antes de dormir, o menino ficava elaborando o desenrolar da trama
 via Em uma das aulas, Maureen também decidiu
 sonhando Ele contar uma história: a sua

escutava
 atento Sua família era da Armênia, mas moravam no
 (longe dali...) Egito
 Quando o fundamentalismo religioso expulsou
 todos os não muçulmanos do país
 todos os estrangeiros
 Fuga pessoas de outras religiões
 Nilo obrigados
 [ela] enchendo navios
 a buscar asilo Mediterrâneo rumos ao incerto
 em outro país Atlântico
 [caindo de paraquedas no Brasil]
 (abc Sem falar Uma nova
it's easy uma só palavra tudo vida
as 123) de português diferente
 Aos poucos aprendeu a língua do novo país e esqueceu o armênio
 sem nunca deixar
 “E não podemos esquecer de falar inglês
 a nossa história.”
 sobre uma menina, de uma família rica
 que estava sequestrada em alguma parte da imaginação do menino
 esperando que ele decidisse
 quem a havia sequestrado
 E assim, e, o mais importante, quem a iria resgatar.
 pelos 12 meses seguintes,
 Maureen e Pedro Ícaro escreveram trabalharam juntos /
 Uma hora desistiram do inglês no romance policial
 (vitória de Pedro Ícaro!)
 E começaram a escrever em português mesmo Aos poucos, traduziram
 Com o tempo ele foi conseguindo o que já haviam produzido
 fazer na própria aula de inglês exatamente o que estaria fazendo
 se tivesse a tarde livre (só que agora tinha a companhia de Maureen)

No dia do aniversário da professora

Pedro Ícaro preparou-lhe uma festa surpresa

Parabéns!

artistas são de extremos...

Pedro Ícaro ganhou um casal de hamsters (que ficavam em uma grande gaiola)

Na hora de limpá-la, encontrou os fetos se retorcendo

Os hamsters acasalavam multiplicando-se para fora do razoável sem parar

Maureen tentando não prestar atenção

Quando cansou dos hamsters

No som irritante deles andando na roda de metal

deu-os para

Maureen

Acontece que, mesmo sem saber,

As aulas de inglês

eu

Pedro Ícaro prolongava a história

Já não eram aulas de inglês

tu

para que ela não acabasse nunca

os encontros, agora, não podiam parar.

Se a mãe dele descobrisse isso, poderia não gostar muito

Um dia, a própria professora

Fez o máximo para prolongar

Não pode mais continuar

sem justificativa para as aulas de narrativa literária

Foi assim que se despediu calorosamente

Pedro Ícaro poderia seguir

Disse que não poderia mais continuar as aulas

(a história sem fim) na

escola

Entrou em seu carro roxo e partiu

fim?

Que passou em um pulo